

Afalsa baiana

Mostra Individual
ANA FRAGA



Todos os direitos reservados a autora Ana Fraga, responsável pela publicação e conteúdo da obra.

Texto curatorial: Clarissa Diniz

Pesquisa: Ana Fraga

Orientação: Sonia Rangel

Fotografia: Dheik Praia

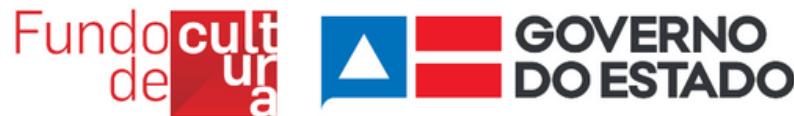
Produção Executiva: Ana Fraga

Assistente de Produção: Tatiele Café

Produção local: Liliane Viana

Apoio financeiro do Estado da Bahia através do Fundo de Cultura via Editais Setoriais de 2019. Com apoio institucional da Prefeitura Municipal de São Félix através da Secretaria de Cultura e Casa de Cultura Américo Simas; e Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA
DA FAZENDA

A photograph of a person from the back and shoulders. They have dark hair and are wearing a black top. A large, ripe pineapple is positioned where their head would be, with its green leafy top extending upwards. Another smaller pineapple is positioned lower down, partially obscuring the person's neck. The background is solid black.

Ana Fraga

*A falsa Baiana, demonstra mais uma vez,
o que é que a baiana teeemmm... I, 2022*
Fotoperformance, banana e arame
Imagen Dheik Praia e Uarle
Medida 50x40cm

ANA FRAGA_ desfazer, transmutar

Clarissa Diniz_Curadora

Ana Fraga é uma artista dos desfazimentos. Em seus quase vinte anos de produção, tem constantemente se dedicado a criar não com o anseio de construir ou perdurar seus atos, mas, antes, com a intenção de possibilitar o desmonte, a quebra, o desfazer-se.

Com uma trajetória cujo coração são as práticas performativas, é no tempo e nos gestos repetitivos e pouco apoteóticos que o contínuo desfazer da artista de São Félix (Bahia) tem se dado. Trata-se de uma escolha política - como mulher, o tônus crítico de sua pesquisa tem sido o de dar a ver a dupla condição de trabalho na qual está implicada: o trabalho da arte e o doméstico.

Desde o princípio, sua obra está marcada por instalações e performances que tematizam o machismo, a violência contra a mulher, as opressões estéticas, o silenciamento de gênero, dentre outros aspectos. No seio dessas preocupações está a prática do desfazimento, que se apresenta em obras como *A mesa posta* (2005) - quebra-quebra coletivo de pratos que contêm inscrições misóginas - ou a ampla série *Escombros* (2013-), que perfaz gestos como o de transformar seu diário em confetes e, depois, buscar ingeri-lo ao ponto da náusea, do silêncio e do sufocamento.



Ana Fraga

*A falsa Baiana, demonstra mais uma vez,
o que é que a baiana teeemmm... I, 2022*
Fotoperformance, banana e arame
Imagen Dheik Praia e Uarle
Medida 50x40cm

Há, nessas obras, uma filiação de Fraga às performances de longa duração que investem em ações repetidas à exaustão, muitas vezes desmoronando, com elas, as normatizações do corpo, dos gêneros, do espaço público.

Em que pese que essa dimensão performativa seja central à sua prática, devemos notar que, entre 2016 e 2018, Ana Fraga realizou duas sequências que elevaram a experiência duracional da performance à máxima potência em sua obra: *365 dias de performances domésticas* (2016-2017) e *365 dias de performances urbanas* (2017-2018). Nesse período, a estima pela longa duração tornou-se rotina, rivalizando com o cotidiano do trabalho doméstico e, depois, da rua.

Como uma mulher em grande parte “condenada” aos cuidados do lar e da família, Ana fez, da própria casa, sua exasperação poética num sem-fim de ações na cozinha, no quintal, na porta, com a comida, com velas, plantas, paredes, fotografias. Depois, não bastando a reclusão doméstica, foi às ruas tornar-se presente, assentar seu corpo feminino e mestiço de mulher baiana que, à revelia do machismo, não deixa de enunciar-se poética e politicamente no mundo.

Por sua brevidade, essas ações exploram a dimensão efêmera que a artista já vinha cultivando ao tecer para depois desfiar; construir para na sequência quebrar; preencher para depois esvaziar. Ciente de que performaria ao longo de

um ano, Fraga faz, de cada uma de suas ações, também um espaço-tempo do que é passageiro e impermanente. Não é à toa a presença dos rios e outras águas correntes em sua obra: o signo espiritual, físico e político do tempo em contínua e espiralada passagem.

Ao longo dos últimos anos da obra de Fraga, o que vemos é, portanto, a imbricação entre sua prática desfazedora e a experiência da duração. Se, em trabalhos anteriores, o tempo tantas vezes foi o meio para suas ações, agora a artista observa a própria ação (des)fazedora do tempo como abordagem e problemática poética, estética, ética e política.

Ana Fraga

A falsa Baiana, 2022
Fotoperformance
Imagem Dheik Praia
Medida 50x40cm



Assim, é por entre as paredes descascadas do ambiente em reforma do Centro de Cultura Américo Simas, em São Félix, que Ana Fraga instala suas obras recentes – desenhos, fotografias, vídeos, performances e uma instalação em torno das transformações que se dão através de putrefações, desmoronamentos, deteriorações.

No casarão colonial, a artista traz à presença uma imagem recorrente da colonialidade: a “baiana”. Construção iconográfica baseada na estetização das violências às quais as mulheres – especialmente as negras – têm há séculos sido submetidas, as baianas são também imagens de resistência ancestral e espiritual. Por isso, habitando a ambivalência desse símbolo tão exotizante e sexualizante, quanto capaz de produzir memória afetiva e crítica, Ana Fraga se propõe a experimentar a suposta baianidade feminina sobre seu próprio corpo miscigenado de mulher do Recôncavo Baiano.

Desta vez, partindo do imaginário que nos foi legado por Carmen Miranda, a branca “baiana de exportação” coproduzida pela indústria cultural latino-americana, Ana reencena seus famosos turbantes com frutas *in natura* que, com o tempo, apodrecem e fazem desmoronar o famigerado arranjo. Ao fazê-lo, a artista escancara quão ficcionais e atrozes são as identidades elaboradas como produtos: tradição de um capitalismo que vai da escravidão ao mundo instagramável.

Ao nomear-se como “falsa baiana”, Fraga sublinha não a inverdade de sua identidade, mas a dimensão artificial e fictícia dos dispositivos e construções identitárias, tal como evocado pela purpurina, o “ouro falso” que marca suas fotografias e desenhos em torno da baianidade. Ao mesmo tempo, evidencia o quão efêmeras, contingentes e impermanentes são as identidades, forças – subjetivas, sociais, raciais, históricas – que estão em contínua transformação. Elaborados durante a pandemia do Covid-19, enquanto o mundo parecia estar prestes a esvair-se e São Felix igualmente vivenciava transformações em suas dinâmicas sociais e urbanas, os trabalhos aqui apresentados guardam, mais adiante, certa ambivalência diante da transformação.

Enquanto algumas obras tomam a putrefação como processo emancipatório, capaz de conjurar o esfacelamento dos cárceres identitários tão frequentemente impostos às mulheres, outros – como as aquarelas de cadeiras partidas ou de azulejos rebocados – evocam certa nostalgia diante do que se transforma, como se temessem a perda não da coisa em si, mas de sua memória. Por isso, em suas várias camadas, a exposição de Ana Fraga é um enunciado sobre tempos transformadores que, assim como o agora, podem ensejar sentimentos complexos, prenhes de urgências de ruptura e, simultaneamente, do receio de perder ou esquecer daquilo e daqueles que constituíram o mundo até aqui.

Contudo, como dão a ver as versões performativas e instalativas de Pátria amada, é justamente por estarmos diante de um momento de profunda entropia que devemos acolher a transformação. Se num primeiro momento ela pode parecer destrutiva, quiçá teremos a sorte de testemunhar suas reconfigurações - a vida que subsiste a tudo que se desintegra.

O renascimento que surge não a despeito, mas justamente em razão do perecimento. Um desfazer-se que pouco a pouco revela ser, no fundo, uma vocação à transmutação.





Ana Fraga

Tem, tem, tem... 2022

Objeto, caixa de vidro e abacaxi

Medida variada

Ana Fraga

Tem, tem, tem... 2022

Objeto, caixa de vidro e abacaxi

Medida variada



Ana Fraga

O que é que a baiana tem 2022
Objeto, caixa de vidro e banana
Medida variada

Ana Fraga

O que é que a baiana tem, 2022
Objeto, caixa de vidro e banana
Medida variada

Ana Fraga

A caixa de Pandora, 2022

Objeto, caixa de vidro e maçã
Medida variada





Ana Fraga

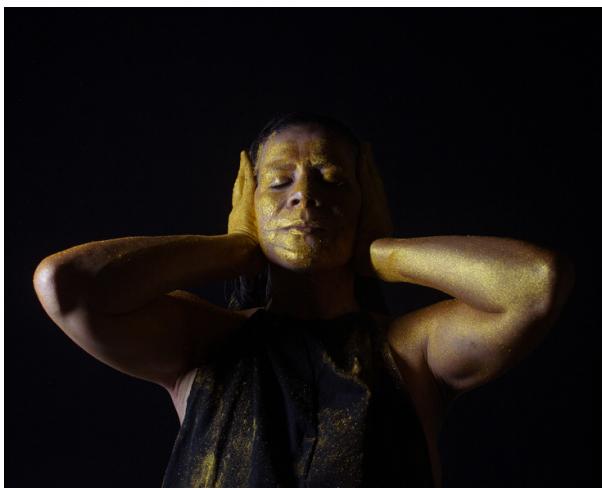
A falsa Baiana, 2022
Fotoperformance
Imagen Dheik Praia
Medida 50x40cm

Ê baiana_ memorial descritivo

Ana Fraga_artista

Quando do tempo em que o projeto foi inscrito no Edital do Setorial de Artes Visuais em 2019, na escrita matutava a música de Geraldo Pereira (1918-55) intitulada Falsa Baiana e interpretada por João Gilberto (1931-2019). Ali insinuavam as definições em poucas estrofes do que é ser uma verdadeira falsa baiana. Segundo a música uma falsa baiana é aquela que "...quando entra no samba, ninguém se incomoda, ninguém bate palma, ninguém abre a roda, Ninguém grita: Oba! Salve a Bahia, Senhor...". Então, percorri esses estereótipos contidos nas imagens de uma verdadeira e ou de uma falsa baiana, futucando o sentido da informação imediata dos meios de comunicação que assim nos rotulam, nos moldam, nos seduzem e criam nuances de empoderamento e essas noções logo se transformam em mais camisas de forças que nos selecionam, nos julgam, sustentando assim velhos padrões de comportamento. Nesse percurso não questionei com ferocidade a veracidade entre ser ou não uma verdadeira ou uma falsa baiana, pois as mudanças nos têm deixado com algumas dúvidas do que é verdadeiro e ou falso nessa conjuntura. Mas também demonstra que procuramos uma verdade vinda do outro, sem conhecer o que é a verdade em si mesmo. Assim, me portei como uma verdadeira baiana, colhendo memórias de um Recôncavo no colorido das festas, nos balões estourados, nas imensas flores de papel crepom e no glacê pomposo dos bolos de festas. E fui até os santuários e igrejas com seu barroco iluminado e verti no corpo e nos desenhos um ouro falso, para bem dizer não era ouro, mas um glitter grudento e espesso. Através da música de Dorival Caymmi (1914-2008) cantado por Carmen Miranda (1909-1955) no eterno "o que é que a baiana tem, tem, tem..."

Transitei pelas frutas tropicais criando máscaras que se desmontavam e apodreciam com o tempo. Menos para criticar a música ou mesmo a artista Carmem, na sua contagiente figura, mas para deixar claro essas zonas de poder inerentes a nós e de como nos reposicionamos nelas. Diferente da canção segui a desafinação do meu ser com toda a paisagem que perpassava e fui achar o fio da meada na bandeira em formato do mapa do Brasil feita de crochê e nas frutas que apodreceram conforme os dias da exposição foram se passando. Embora essas reflexões e entendimentos criados a partir de uma perspectiva individual, foi mais por enxergar nessas experiências profundas e viscerais uma problemática também universal, a da realidade da globalização que cria um ambiente propício a padronizações e intolerâncias. Nesse encalço, demonstro aqui nessas obras, sob minha perspectiva, o que realmente a verdadeira falsa baiana tem, tem, tem...





Casa de Cultura Américo Simas,
São Félix/BA. Exposição *A Falsa
Baiana* Foto: Ana Fraga, 2022



Ana Fraga

Pátria Amada, 2022

Instalação, mapa do Brasil em crochê feito

pela artesã Rosamalena Fagunes

Medida 50x40cm



Ana Fraga

Pátria Amada, 2020

Vídeo Walter Neto

Edição Dheik Praia e Uarle Carvalho



Ana Fraga

Pátria Amada, 2020
Vídeo Walter Neto
Edição Dheik Praia e Uarle Carvalho



Ana Fraga

A falsa baiana abre gentilmente a porta II, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x50cm



Ana Fraga

A falsa baiana não sabe como os cupins se grudam, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x35cm



Ana Fraga

A falsa baiana abre gentilmente a porta I, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x40cm



Ana Fraga

AO Embuste Barroco I, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x44cm



Ana Fraga

O Embuste Barroco II, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x43cm



Ana Fraga

A Escora, 2022
Aquarela sob papel e glitter
Medida 39x46cm



Ana Fraga

Espera I, 2022
Aquarela sob papel
Medida 33x34cm



Ana Fraga

Espera II, 2022
Aquarela sob papel
Medida 36x33cm



Ana Fraga

Desistiu da Espera, 2022
Aquarela sob papel
Medida 39x42cm

Apoio financeiro:



Apoio institucional:



